

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BEATRIZ DE SOUZA INUMA

A ESCOLA COMO FATOR FUNDANTE NA PERSPECTIVA DO RESPEITO E
VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS NA TRÍPLICE FRONTEIRA MUNICÍPIO DE
TABATINGA - AM

Tabatinga
2017

BEATRIZ DE SOUZA INUMA

A ESCOLA COMO FATOR FUNDANTE NA PERSPECTIVA DO RESPEITO E
VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS NA TRÍPLICE FRONTEIRA MUNICÍPIO DE
TABATINGA - AM

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado para obtenção título de
graduação do Curso de Licenciatura em
Pedagogia do Centro de Estudos
Superiores de Tabatinga da Universidade
do Estado do Amazonas.

Orientador: Prof. Cleuter Tenazor Tananta

Tabatinga
2017

BEATRIZ DE SOUZA INUMA

A ESCOLA COMO FATOR FUNDANTE NA PERSPECTIVA DO RESPEITO E
VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS NA TRÍPLICE FRONTEIRA MUNICÍPIO DE
TABATINGA - AM

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção de nota parcial e aprovação na disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica II - TCC, do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga da Universidade do Estado do Amazonas.

Data de aprovação: de de 2017

Orientador
Prof. Cleuter Tenazor Tananta
CESTB/UEA

Nome completo do professor avaliador 1
Titulação sem abreviação
CESTB/UEA

Nome completo do professor avaliador 2
Titulação sem abreviação
CESTB/UEA

Dedico este trabalho a meus pais Diogenes e Antônia, a meu esposo David, a meu filho Álvaro Davi, a meus irmãos Fernando, Kelly Jaqueline, Ariclones, Anderson e a meu tio João Carlos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela graça alcançada, pela vida, por ter me dado saúde e sabedoria, para assim conquistar meus objetivos.

Aos meus pais, pelo apoio em minha formação acadêmica, e por tamanha dedicação em minha formação como pessoa, transmitindo-me valores atualmente adormecidos, fazendo de mim uma cidadã honesta e integra.

A meu esposo David e meu filho Álvaro Davi, pela compreensão de minhas ausências como esposa e mãe, pela paciência, apoio e companheirismo na minha caminhada acadêmica.

Aos meus irmãos Fernando, Kelly Jaqueline, Ariclones e Anderson, que sempre torceram por mim.

A meu tio João Carlos, que muito contribuiu em minha formação como pessoa e que em vida sempre me incentivou e apoiou em meus estudos.

As minhas amigas de curso, Ana Carla, Grayce Reategue, Tilizete, Cinthya Pessoa, Jessica Kelly e Maria do Carmo, por sorrir, chorar e lutar a meu lado nestes anos de formação acadêmica, em que objetivamos juntas um único sonho.

Ao professor Cleuter Tenazor Tananta, por ter me orientado na realização desta monografia.

Aos professores do curso de pedagogia, em especial aos professores (as), Ana Lucia, Cleuter Tenazor, Eliuommar Cruz, Darcimar Souza, Felipe Lacerda, Marcela Campos, Raimundo Mendes, Rosilange Salles, Rosi Meri Bukowitz e Jorge Barbosa, por transmitirem conhecimentos e princípios à minha formação.

E todos que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho e durante esses anos de caminhada acadêmica.

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”.

Nelson Mandela

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo realizado com 06 alunos do 4º ano do ensino fundamental, 02 professores e 04 funcionários, sobre o tema a escola como um fator fundante na perspectiva do respeito e valorização das diferenças na tríplice fronteira, município de Tabatinga-AM, sendo a escola um ambiente designado à socialização, a convivência harmônica e ao respeito, encontra-se um ambiente de desrespeito e agressões dos alunos contra seus colegas. A metodologia aplicada a este estudo foi uma pesquisa de campo, afim de obter dados referentes à escola e as múltiplas relações dos alunos no ambiente escolar, como pesquisa bibliográficas, e técnicas de pesquisa como: observação, questionários e entrevistas, relevantes a problemática em estudo. Como resultado chegou a afirmação de que a escola possui um papel fundante na perspectiva do respeito e valorização das diferenças. Pois a intervenção da escola quanto a esta temática, previne conflitos atuais e futuros, inerentes do despreparo dos cidadãos em conviver com a diversidade encontrada no meio social. Assim, aponta-se para a escola promover em seu cotidiano escolar atividades de valorização das diferenças. Além de envolver todos que compõem o núcleo escolar, pois a soma de todos, vai contribuir para a formação de alunos críticos, conscientes de seus atos, aptos para o exercício da cidadania e para o convívio social, mais humano perante seus semelhantes.

Palavras-Chave: Diversidade. Escola. Inclusão.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo presentar un estudio con 06 estudiantes del 4º año de la escuela primaria, 02 profesores y 04 empleados, sobre el tema la escuela como un factor esencial en la perspectiva del respeto y valoración de las diferencias en la triplice frontera, municipio de Tabatinga-AM, siendo la escuela un ambiente designado a la socialización, a la convivencia armonica y al respeto, encontra-se un ambiente de desrespeto y agreciones de los estudiantes contra sus colegas. La metodologia usada a este estudio fue una pesquisa de campo, pala la obtención de respuestas referentes a la escuela y las variadas relaciones de dos estudiantes en el ambiente escolar, pesquisa bibliográfica, y técnicas de pesquisa como: observación, cuestionarios y entrevistas, relevantes a la problemática en estudio. Como resultado se llevo a la afirmativa de que la escuela tiene un papel fundamental en la perspectiva del respeto y valoración de las diferencias. Pues la intervención de la escuela a respecto de esta temática, previne conflictos atuais y futuros, propios del despreparo de los ciudadiones en convivir con la diversidad encontrada em el medio social. Asi, apunta para la escuela promover en su cotidiano escolar acciones que valoran las diferencias. Y además, envolver todos que componen el núcleo escolar, siendo que la adicción de todos, van contribuir para la formación de estudiantes críticos, conscientes de sus atos, aptos para el ejercicio de la ciudadanía y para el convivio social, mas humano perante sus semejantes.

Palavras Chave: Diversidad. Escuela. Inclusión.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	11
1 REFERENCIAL TEÓRICO	11
1.1 Contexto Histórico: a educação até os dias de hoje.....	11
1.2 Os desafios da profissão docente na educação contemporânea	14
1.3 O papel da escola e a forma de educar na sua diversidade.....	16
1.4 A importância de se educar na diversidade no século XXI.....	18
1.5 Inclusão na diversidade para a adversidade	20
CAPÍTULO II	23
2 MATERIAIS E MÉTODOS	23
CAPÍTULO III	26
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICES	45

INTRODUÇÃO

A escolha pelo tema “a escola como um fator fundante na perspectiva do respeito e valorização das diferenças na Tríplice fronteira Brasil-Peru- Colômbia”, foi uma forma de aprofundar conhecimentos sobre um tema extremamente pautado na sociedade contemporânea e inerente a Escola Municipal Antônio dos Reis Morais – Anexo Diocese, por se tratar de uma escola situada em uma cidade de tríplice fronteira, com inúmeras diversidades.

As crianças trazem da cultura e do convívio familiar um vasto preconceito, em distintos momentos da vida: preconceito ético-racial, de gênero, de grupos socioeconômicos, de diferente orientação sexual, de diferentes identidades territoriais, em relação a portadores de necessidades especiais, entre outros. E no espaço escolar, é onde acontecem as primeiras socializações, aprendizagens e convivência com pessoas diferentes do que estão acostumadas em seu meio familiar, não somente por diferenças estéticas, mas também pelo seu jeito de ser no mundo, aprendendo que cada ser é um ser individual.

As crianças não nascem preconceituosas, mas o meio social as propiciam a isto, logo, este mesmo meio pode fazê-la diferente. Neste sentido, a escola é um fator fundamental para apagar esse preconceito com relação as diferenças. Vale ressaltar que, não é somente a condição de preconceito que as crianças trazem consigo, mas também um despreparo em lidar com o novo, com o diferente, o incomum, cabendo a escola como instituição que produz e reproduz nossa sociedade, apresentar no seu cotidiano o exercício da cidadania consciente em face de diversidade cultural.

O objetivo deste trabalho é verificar no espaço escolar como se dão as vastas relações de convivência entre alunos, da turma do 4º ano do ensino fundamental, da Escola Municipal Antônio dos Reis Morais - Anexo diocese no município de tabatinga – AM. Assim como identificar no espaço escolar a importância atribuída pela mesma, quanto a perspectiva de uma educação voltada para as diversidades e sua posição quanto a essas diferenças, tendo a mesma um papel de ponte para a perspectiva do respeito e valorização das diferenças.

Reconhecendo a importância e a relevância da temática em discussão, o presente texto acredita ser fundamental a reflexão de que vivemos em um mundo de diversidades, onde a individualidade humana deve ser respeitada, reconhecida e

aceita, uma vez que, comprovadamente somos diferentes uns dos outros, o que faz com que todos nós tenhamos capacidades e limitações para aprender. Neste contexto, cabe ao professor reconhecer seu papel de mediador de aprendizagens, para todos os alunos, devendo ser esta mediação desprovida de preconceito, estigma e exclusão.

Portanto o respectivo estudo proporciona a sociedade verificar, como as escolas estão sensibilizando as crianças quanto a aceitação, o respeito e a valorização das diferenças, percebendo que a melhor forma para que haja uma formação eficaz não somente à nossas crianças, mas aos jovens e adultos, é a aprendizagem na diversidade, para que assim estabeleça-se uma instituição justa, democrática e comprometida com a formação de seus educandos para o exercício da cidadania.

Deste modo, o respectivo trabalho está estruturado em três capítulos, possibilitando uma melhor compreensão do tema estudado e contribuindo com futuros trabalhos acadêmicos com a mesma temática.

No primeiro capítulo, o estudo se alicerçou em pesquisa bibliográfica com diversos autores que possuem visões relacionadas ao estudo abordado, organizado de forma que leve o leitor a inteirar-se de uma breve visão do contexto histórico da educação, conhecer os atuais desafios da profissão docente, o papel da escola e a forma de educar, a importância de se educar para a diversidade no século XXI, bem como compreender a inclusão na diversidade para a adversidade, apresentando caminhos para a construção de uma escola pública sem preconceitos e exclusões.

No segundo capítulo, especifica-se a linha de pesquisa, as abordagens utilizadas na pesquisa, os métodos de pesquisa e as técnicas utilizadas para a coleta de dados.

No terceiro capítulo, com os dados analisados e discutidos, apresenta-se o resultado que se chegou, referente a escola como fator fundante na perspectiva do respeito e valorização das diferenças dentro do ambiente da Escola Municipal Antônio dos Reis Morais – Anexo Diocese, ficando claro os desafios que as instituições enfrentam diariamente, os fatores que geram e levam os alunos a cometer atos de desrespeito e intolerância no ambiente que deveria ser de união, harmonia e respeito entre todos.

CAPÍTULO I

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Contexto histórico: a educação até os dias de hoje

É sabido a todos que a diversidade humana está posta desde os primórdios, mas apenas a partir do final do século XX, é que a sociedade percebe esta especificidade, declarando que os seres humanos não são iguais. No entanto, a escola vem demonstrando grande dificuldade em atender esta diversidade humana, uma vez que ainda conserva concepções e práticas pautadas em tendências pedagógicas tradicionais, homogeneizando, excluindo e desconsiderando as diversidades.

Como aconteceu nos primeiros anos da educação brasileira, promovida pelos jesuítas, que aqui chegaram com o objetivo de colonizar o novo território descoberto e viram na educação o caminho mais adequado para a realização de tal objetivo. Como os padres não conseguiam agir diretamente com os adultos, conquistaram os filhos dos nativos, em que “a educação que se dava aos ‘curumins’, estendia-se aos filhos dos colonos, o que garantia a evangelização destes” (ROMANELLI, 2002, p. 35), desta forma aboliam o modo de vida dos povos indígenas que ali habitavam, impondo crenças, concretizados através da catequização.

Os jesuítas institucionalizaram a educação, criaram colégios, em principal para a preparação dos servidores da ordem, para o exercício do sacerdócio, sendo recrutados para este papel apenas homens da camada dominante.

Assim, os padres acabaram ministrando, em princípio a educação elementar para a população índia e branca em geral (salvo as mulheres), educação média para homens da classe dominante, parte da qual continuou nos colégios preparando-se para o ingresso na classe sacerdotal, e educação superior religiosa só para esta última (ROMANELLI, 2002, p. 35).

Deste modo, ficam claras as exclusões, as desigualdades firmadas através da educação, em que priorizava uma minoria, discriminando a mulher, com a negação deste direito. “Dela estava excluída o povo e foi graças a ela que o Brasil se tornou, por muito tempo, uma pais da Europa, com olhos voltados para fora, impregnado de uma cultura intelectual, alienada e alienante” (ROMANELLI, 2002, p. 35).

Em 1759, os jesuítas foram expulsos pelo Marques de Pombal, em função de divergências de objetivos, em relação aos interesses da corte. Em que ao mesmo tempo em que Pombal abolia as escolas jesuíticas de Portugal e de todas as colônias, criava aulas regias, guiados pelos mesmos objetivos religiosos, para a autoridade e a disciplina, consolidados através das palmatorias, tendendo a conter a personalidade, a ação e a força criadora pessoal, para pôr em seu lugar à submissão, o respeito, a autoridade e a escravidão aos modelos antigos.

Com a instalação da Corte Portuguesa no Brasil houve inovações no campo cultural e educacional, sendo a de mais importância, a criação dos primeiros cursos superiores (não-teológicos) na colônia, “para atender as necessidades do momento: formar oficiais do exército e da marinha, engenheiros, militares, médicos e abrir cursos especiais de caráter pragmático” (ARANHA, 1996, p. 153).

A educação continuou sendo direcionada a uma minoria privilegiada, em que na falta de colégios, a elite educava seus filhos em casa, para formar doutores e para o restante da sociedade desprivilegiada, o que restava era uma formação em poucas escolas, restringida apenas a ler, escrever e a contar.

Com a independência proclamada, inicia-se o Período Imperial, conhecido principalmente, por grandes derrotas em relação à educação. Houve maior procura pela escola, não apenas da classe oligárquica rural, mas também pela pequena camada intermediária, com a ideia de ascensão social, pois o título de doutor valia tanto quanto o de proprietário de terras, garantindo prestígio social e poder político, no qual a educação dos letrados durante este período monárquico estava ligado a necessidade do país de ter de preencher o quadro geral da administração e da política.

Se se lembrar, além disso, de que a educação popular estava abandonada e de que a educação média era meramente propedêutica, pode-se ajuizar do quanto a educação foi minimizada, a ponto de transforma-se em mera ilustração e preparação para o exercício de funções, as quais a retórica tem papel mais importantes do que a criatividade (ROMANELLI, 2002, p. 41).

A educação continuava sendo privilégios de poucos que podiam pagar, fazendo distinção entre ricos e pobres, fazendo com que os menos favorecidos não chegassem ao conhecimento para assim escravizá-los fisicamente e intelectualmente.

Com a queda da monarquia, surge a Primeira Republica, que costuma ser designada como República Velha, Republica de Coronéis, Republica do Café, Republica Oligárquica, que “significa um governo de poucos, indicando que a escolha dos governantes não é propriamente democrática, mas controlada por uma elite” (ARANHA, 1996, p. 194). Diante disto, a educação para o povo, continuava sendo afetada, pois oficializava a distância na pratica, que existia entre a educação da classe dominante, representadas pelas escolas secundarias acadêmicas e superiores; e a educação do povo com escolas primaria e profissional.

A educação sofre transformações, muitas originadas das necessidades das configurações sociais e econômicas. No qual os dirigentes da educação da época enfrentaram problemas, pois havia muita infrequência dos alunos de camadas desfavoráveis, pois carregavam uma grande preocupação em erradicar o analfabetismo das massas com intuito de transformar o brasileiro apto para o trabalho.

No período da Segunda Republica, se sobressaíram vários projetos de renovação do ensino público, de ideias escolanovistas e colégios vocacionais, mas que com o advento da ditadura foi extinto, por suspeita de subversão.

Essas experiências foram interrompidas pelo governo, por terem sido consideradas ‘politicamente perigosas’. De fato a adoção de uma pedagogia que visava a despertar o espirito crítico e criador dos alunos levando-os a pesquisar e a não aceitar passivamente o conhecimento recebido, não poderia ter sido tolerado num regime militar autoritário, como o que vigorava no país, na época (WEBERE, 1994, p. 221).

Na Nova República, é aprovada a Constituição de 1988, promulgada após amplo movimento pela redemocratização do país, procurou introduzir inovações e compromissos, com destaque para a universalização do ensino fundamental e erradicação do analfabetismo, restando apenas à elaboração de uma lei complementar para tratar das diretrizes e bases da educação nacional, mas lembrando de que a primeira levou treze anos para ser aprovada.

Partindo do pressuposto de que a educação só pode ser compreendida em determinado contexto histórico, fica evidente a atenção aos novos rumos a serem perseguidos daqui em diante. Durante século, o ensino foi considerado privilégios de poucos, exaltação de uma minoria privilegiada, foi excludente, foi discriminatória, foi desrespeitosa com a cultura.

A sociedade e a educação do século XXI acarretam novas exigências, não se restringe no sentido de formar mão de obra qualificada, mas pessoas para o convívio em sociedade. É caracterizada pelo conhecimento, pelas informações advindas das novas tecnologias, exigindo que as instituições e educadores estejam preparados e capacitados para o exercício de sua profissão.

Deste modo, reconhece-se que o aluno do século XXI precisa se desenvolver de forma global, assim, o processo de ensino e aprendizagem, não poderá acontecer por áreas de desenvolvimento, mas sim, de forma que contemple os aspectos cognitivos, afetivo, sociocultural, mas principalmente da intervenção do sujeito com o ambiente, com as experiências de vida e com a sua cultura.

1.2 Os desafios da profissão docente na educação contemporânea

A educação está num processo constante de mudanças, mudanças essas que tentam acompanhar o ritmo do novo século e conseqüentemente tem levado os educadores à busca constante de atualização, exigindo também uma nova postura no exercício desse papel.

Assim, o educador contemporâneo, deve elaborar com criatividade os conhecimentos teóricos e críticos sobre a realidade, centrar-se numa prática pedagógica de êxito, com uma aprendizagem satisfatória e significativa. Diante disso, surge a necessidade de encontrar novos caminhos, novos projetos, para a transformação da realidade escolar, levando-o a vivenciar desafios diários, originados da desvalorização da profissão e das condições de trabalho.

O professor por observar em seu baixo salário o reflexo de sua desvalorização profissional, vai em busca de meios para manter seu custo de vida, que atualmente no Brasil, está cada vez mais caro, levando-o a aumentar seus turnos de trabalho, assumindo funções extras, acarretando dificuldade na realização de suas atividades tanto pessoais, quanto profissionais, gerando desconforto, cansaço e estresse, influenciando negativamente no cotidiano da sala de aula. Como ressalta Cunha (2012, p, 109), quanto à desvalorização docente: “não há condições para um exercício pelo da docência se o professor precisa assoberbar-se de trabalho pra garantir sua sobrevivência.”

As condições de trabalho é outro fator desafiador ao trabalho docente, em que muitas vezes não há um local adequado para as atividades escolares e

materiais didáticos para a realização de atividades, que poderiam ser trabalhados de maneira mais lúdica, para assim os alunos obterem uma melhor assimilação, quanto aos conteúdos, tornando as atividades mais atrativas, pois fora dos muros da escola, o mundo apresenta uma série de oportunidades e convida o aluno a fazer múltiplas descobertas, fazendo com que a sala de aula acabe se tornando um lugar desinteressante.

Com o acesso crescente e facilitado dos alunos nas múltiplas tecnologias, surgiram facilidades e também novos desafios, que dependendo da atuação docente, vão vivenciá-las como aliada ou como inimiga em sala de aula. Daí a importância de o professor resignificar a sua prática docente e revisar suas concepções.

As tecnologias nos ajudam a encontrar o que está consolidado e a organizar o que está confuso, caótico, disperso. Por isso é tão importante dominar ferramentas de busca da informação e saber interpretar o que se escolhe adapta-la ao contexto pessoal e regional e situar cada informação dentro do universo de referências pessoais (MORAN, 2007).

Neste sentido, a construção de novos saberes é indispensável ao professor, o mesmo deve se colocar na posição de eterno aprendiz, que busca uma formação profissional contínua, garantindo sua qualificação, está por sua vez, muitas vezes árdua, pelo fato de os recursos saírem do próprio profissional, por não haver investimentos do governo em uma formação continuada do educador.

Diante das superlotações da sala de aula, o docente agrega mais um desafio, pois além de um número grande de alunos, cada um deles é único e apresenta competências e dificuldades específicas e diversas, tendo o educador que encadear conteúdos variados, no sentido de atender as necessidades de todos. Sendo indispensável “compreender o universo cultural do aluno, a fim de que, juntos, a partir do que conhecem, venham a se debruçar sobre os desafios que o mundo lhes apresenta, procurando respondê-los, e nesse esforço, produzir novos saberes” (ALVES, 2001, p. 40).

A aprendizagem depende em grande medida do tratamento que ocorre entre educador e educando, pois a partir desta maneira relacional, destes determinantes de tratamento, resultam a disciplina e a indisciplina, o interesse e o desinteresse.

Um dos grandes desafios a serem enfrentados é de cunho individual, devendo partir dos educadores a realização de uma autocrítica, com relação à

educação e o seu papel como educador, sendo o mesmo no exercício de seu papel, insubstituível no processo de transformação social, e com essa reflexão conseqüentemente deve extinguir a ideia de um método único de ensino, sendo este um momento de redefinição de sua profissão e da compreensão de sua prática.

Vê-se necessidade de despertar a consciência de que todo ser humano é sempre agente transformador do mundo e que essa ação deve ser dirigida no sentido de uma busca pela melhoria do ambiente e das pessoas (ANTUNES, 2004, p. 47).

São vários os desafios do professor para construir uma educação de qualidade, em que o mesmo com desafios diários devem procurar desenvolver em seus alunos o raciocínio, a imaginação, a argumentação, a interatividade, a criatividade, assumindo coletivamente a responsabilidade em relação ao aluno. Cabe ressaltar que nem sempre o professor consegue construir estes conhecimentos com condições dignas de trabalho.

1.3 O papel da escola e a forma de educar na sua diversidade

É por meio da escola, que o aluno pode construir seu conhecimento e ser inserido no meio social de forma satisfatória, neste sentido, é papel da escola garantir a permanência e o acesso do aluno à escola, oferecendo serviços educacionais de qualidade, contribuindo para o desenvolvimento das potencialidades e formação de cidadãos críticos, conscientes, atuantes, com objetivos e ideais, preparando-os não somente para o mercado de trabalho, mas principalmente para a convivência em sociedade, mediante as suas diversidades.

Gadotti (2000, p. 6) afirma que:

Neste começo de um novo milênio, a educação apresenta-se numa dupla encruzilhada: de um lado, o desempenho do sistema escolar não tem dado conta da universalização da educação básica de qualidade; de outro, as novas matrizes teóricas não apresentam ainda a consciência global necessária para indicar caminhos realmente seguros numa época de profundas e rápidas transformações.

Diante disto, a escola possui uma tarefa complexa, que exige da mesma um envolvimento que ultrapasse temas, conteúdos e programas, avançando para a integração e para a cultura da diversidade, vivendo as diferenças como riqueza, e não como obstáculo.

Desta forma pode-se entender que a escola constitui um papel social, que tem por objetivo a humanização, sendo papel do educador, o de mediador entre o aluno e o conhecimento a ser trabalhado e construído. No qual Masetto salienta por mediação pedagógica:

[...] a atitude, o comportamento, do professor que se coloca como facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem não uma ponte estática, mas uma ponte 'rolante', que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos (2001, p. 144).

Neste contexto o educador mantém uma postura norteadora no processo de ensino-aprendizagem, quando busca novas aprendizagens e se utiliza destas para construir e colaborar com a construção de novos conhecimentos, tanto para si, quanto para seu educando. Tendo o mesmo, o papel de desenvolver capacidades, atender as diversidades culturais, integrando no exercício de sua docência a dimensão afetiva, desenvolvendo comportamento ético a fim de orientar os alunos em valores e atitudes.

O educador deve conceber as estratégias de ensino que visam ensinar a aprender, bem como persistir no empenho de auxiliar os alunos a pensarem de forma crítica, através da troca de experiências, criando um espaço de formação mútua, e cada educador desempenha simultaneamente o papel de formador e de formando, e o aluno interioriza um conjunto de valores favoráveis à aquisição de cidadania. Pois de acordo com Perrenoud (2001, p. 260): “Ensinar é fazer aprender e, sem a sua finalidade de aprendizagem, o ensino não existe. Porém, este fazer aprender, se dá pela comunicação e pela aplicação; o professor é o profissional da aprendizagem e da regulação interativa em sala de aula”.

É necessário que não somente os educadores, mas todos que constituem o corpo escolar repensem a educação em si, pois à medida que todos abraçam com garra os objetivos da escola, criam-se dispositivos para que todos trabalhem questões pertinentes para um conhecimento significativo, mais humano, mais digno, embasados no princípio de igualdade, fraternidade, liberdade e respeito ao outro.

Deste modo, a escola como um todo, possibilitará ao aluno o seu desenvolvimento pessoal, ampliando seus conhecimentos, instigando a capacidade de pensar e questionar do aluno, tendo coerência em sua interpretação de mundo, e

assim efetivar seu objetivo primeiro, que deve ser a formação de cidadãos para o exercício pleno de sua cidadania.

A escola precisa estar inovando, para acompanhar os novos acontecimentos emanados das novas tecnologias de informação e comunicação, cabendo à escola contextualizar a sua realidade, com a realidade vivenciada pelos educandos, tornando a educação mais próxima e condizente com seu dia-a-dia. De acordo com Moura (2001, p. 155): “Fazer da sala de aula o lugar de aprendizagem natural do sujeito é estabelecer como objetivo da escola criação de um ambiente onde se partilha e constroi significados”.

Esta construção não tem fim, devendo ser construída diariamente com os educandos, criando um ambiente em que os mesmos possam expor suas opiniões, desenvolver sua autonomia e trocar conhecimentos. No qual, “o professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos” (LIBÂNEO, 1994, p. 250).

A escola necessita rever suas ações e o seu papel no aperfeiçoamento da sua prática educativa, sendo necessária uma análise sobre seus conceitos didáticos-metodológicos, na busca de uma adequação pedagógica ao atual momento, buscando assim, a sua função transformadora e idealizadora de conhecimentos.

Portanto, é necessário que a escola busque trabalhar de forma democrática, oferecendo oportunidade de uma vida melhor para todos, independente de condição social, econômica, raça, religião, entre outras diversidades. Todos os alunos têm direito de estar na escola, aprendendo, participando, sem ser discriminado ou ter de enfrentar quais quer tipo de preconceito. Para isto, todos que constituem a escola devem ser encarados e considerados como parceiros, autores da qualidade social da escola, sendo incubido de compromisso e responsabilidade.

1.4 A importância de se educar para a diversidade no século XXI

Nós seres humanos somos ricos em diversidades, somos diferentes em todos os ângulos possíveis. A capacidade de pensar e, conseqüentemente de criar, traz ao homem uma identidade própria e única. O que possibilita a construção dessa identidade é o fato de cada indivíduo ser antes de tudo, um ser social. Que precisa de seu próximo para a sua sobrevivência. Mas a diversidade está sendo

vivida como um problema, como um obstáculo, e que se procura mil e uma maneiras para separar e igualar as pessoas.

Vivemos atualmente, em uma sociedade em que o preconceito e a intolerância estão predominantes, seja nas relações religiosas, esportivas, sexuais, étnicas ou políticas, e dão origem ao ódio, conflitos, crimes e guerras. Estão presentes também nas instituições de ensino, percebidas nas práticas discriminatórias por cor de pele, pobreza, gênero, orientação sexual, deficiência física ou intelectual. Diante destes fatos, “que tipo de educação necessitam os homens e as mulheres dos próximos 20 anos, para viver este mundo tão diverso?” (GADOTTI, 2000, p. 41).

Com certeza necessitam de uma educação para a diversidade, necessitam de uma ética da diversidade e de cultura da diversidade. Uma escola que eduque para a pluralidade cultural, que perceba o outro como legítimo outro, o qual possui uma história, uma cultura, uma etnia e que perceba a turma de alunos como heterogênea, visto que cada aluno possui um diferencial, pois provem de lugares, culturas e famílias distintas, apresentando ritmos diferentes para aprender, o que caracteriza a pluralidade no espaço escolar.

Em busca de uma escola de qualidade, objetivando uma educação voltada para emancipação e humanização do aluno, é fundamental que o sistema educacional prime por uma educação para todos, onde o enfoque seja dado às diferenças existentes dentro da escola. Uma tarefa nada fácil, que exige transformação acerca do sistema como um todo e mudanças significativas no olhar da escola, pensando a adaptação do contexto escolar ao aluno.

Na sala de aula há alunos de diversas culturas, e este encontro com o diferente, permite uma viagem a lugares ocultos e inatingíveis, enriquecem as experiências, o aprendizado, a reflexão sobre as possibilidades e os limites de cada costume, nos leva a examinar com mais perfeição e clareza nossas próprias ideias.

“Ao utilizar o universo cultural dos alunos para praticar a alfabetização emancipadora, o educador desenvolve no educando o respeito mútuo, a autoestima e a valorização da sua realidade, do mundo que ele conhece” (FREIRE, 1990, p. 75).

Aprender a interagir com o diferente é muito saudável para o conhecimento dos educandos e a presença das diferenças e a valorização das mesmas, permite que ele obtenha mais recursos para sua formação de vida, entendendo, que

ninguém é igual a ninguém, e que ser diferente não é ruim, mais que isto faz parte da particularidade de cada ser. Para isso, a escola deve estar preparada a receber a miscigenação de culturas que se encontra no meio escolar.

Segundo Biachetti e Freire (2012, p. 96):

Na área educacional, os prejuízos de uma formação inadequada são tão graves quanto as consequências imediatas da incompetência de um engenheiro ou de um médico. No entanto, seus efeitos aparecem somente a longo prazo. Por isso passam despercebidos.

Percebe-se o quão importante é a formação escolar na vida do discente, em que a mesma, não pode ser vista apenas como simples transmissora de conhecimentos, mas como instrumento de crítica dos valores transmitidos e dos novos valores que estão sendo propostos.

A formação do educador neste contexto é primordial, para que a superação dos preconceitos seja possível com maior grau de intencionalidade e de importância, sendo indispensável, a sua qualificação, formação pedagógica, formação ética e política. Pois, ensinar é “muito mais que um revelador das disposições individuais. É um sistema de ação, uma organização que transforma as pessoas, suas competências, assim como suas atitudes, suas representações, seus gostos” (PERRENOUD, 2001, p.19).

São fundamentais as mudanças no pensamento coletivo dos educadores, transformar a organização escolar de acordo com novos critérios e também transformar a visão diária da ação escolar, até torná-la apropriada a conseguir que todos trabalhem e aprendam a partir de suas próprias possibilidades, tendo o respeito às diferenças, como um dos pilares da educação, para que os alunos sejam formados para o respeito e para a convivência em âmbito de igualdade. Não no sentido de que somos todos iguais, mas de que somos seres humanos em condição e em espécie.

1.5 Inclusão na diversidade para a adversidade

De acordo com o minidicionário Aurélio (2008), incluir (inclusão) significa: “Conter ou trazer em si; compreender, abranger. Fazer tomar parte; inserir, introduzir. Fazer constar de lista, de série, etc.; relacionar.”.

Em se tratando de educação, partimos do pressuposto de que a inclusão é a ideia de que todas as crianças têm o direito de se educar juntas em uma mesma escola, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, linguísticas, religiosas, sexuais ou outras, com garantia de acesso, permanência e sucesso, fazendo com que a escola dê lugar a todas as diferenças.

Dessa forma, a inclusão significa que não é o aluno que se molda ou se adapta à escola, mas a escola consciente de sua função que se coloca à disposição do aluno. De acordo com Carvalho (2000, p. 120), uma escola inclusiva é aquela escola que “inclui a todos, que reconhece a diversidade e não tem preconceito contra as diferenças, que atende as necessidades de cada um e que promove a aprendizagem”.

A educação inclusiva é reconhecida como uma ação política, cultural, social e pedagógica a favor do direito de todos a uma educação de qualidade e de um sistema educacional organizado e inclusivo.

À escola cabe a responsabilidade em atender as diferenças, considerando que para haver qualidades na educação é necessário assegurar uma educação que se preocupe em atender a diversidade, sendo possível à medida que a escola promova mudanças no seu processo de ensinar e aprender, acreditando no princípio de que todas as crianças podem aprender e que todas devem ter acesso igualitário a um currículo básico, diversificado e uma educação de qualidade.

Constituem um conjunto de modificações que se realizam nos objetivos, conteúdos, critérios, procedimentos de avaliações, atividades e metodologias para atender as diferenças individuais dos alunos.

Seu principal desafio é desenvolver uma pedagogia centrada no aluno, sendo capaz de educar e incluir além dos alunos que apresentem necessidades educacionais especiais, aqueles que apresentam dificuldades temporárias ou permanentes na escola, os que estejam repetindo anos escolares, os que sejam forçados a trabalhar, os que vivem nas ruas, os que vivem em extrema pobreza, entre outros. Uma vez que a inclusão não se aplica apenas aos alunos que apresentam deficiência física.

As escolas inclusivas devem reconhecer e responder às diversas dificuldades de seus alunos, acomodando os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade para todos, mediante

currículos apropriados, modificações organizacionais, estratégias de ensino, recursos e parcerias com a comunidade.

Essas estratégias para a ação pedagógica no cotidiano escolar inclusivo são necessárias para que a escola responda não somente aos alunos que nela buscam saberes, mas aos desafios que são atribuídos no cumprimento da função formativa e de inclusão, num processo democrático, reconhecendo e valorizando a diversidade, como um elemento enriquecedor do processo de ensino e aprendizagem.

Conviver desde cedo com a inclusão ajuda as crianças a se tornarem adultos mais tolerantes e sensíveis às diferenças e à pluralidade da vida em sociedade. São nos momentos de socialização com a diferença que se desenvolve a tolerância e o olhar amoroso para o outro e para o mundo.

Por fim, cabe refletirmos sobre que é ser igual ou diferente? Pois, se olharmos em nossa volta, perceberemos que não existe ninguém igual, na natureza, no pensamento, nos comportamentos e/ou ações; e que as diferenças não são sinônimos de incapacidade ou doença, mas de equidade humana.

CAPÍTULO II

2. MATERIAS E MÉTODOS

As diferenças que poderiam ser valorizadas dentro das instituições escolares, historicamente se tornaram uma problemática, que a partir desse estudo averiguou-se a realidade das instituições de ensino e como a mesma está vivenciando as diversidades na escola.

A diversidade é um fator muito importante de ser analisado no sistema de ensino, pois compreende-se que em uma instituição escolar existem diferentes sujeitos, culturas, gêneros, valores, personalidades, uma vez que é missão de cada instituição de ensino, procurar da melhor forma, fazer com que verdadeiramente se forme cidadãos, que saibam conviver harmoniosamente uns com os outros, dentro e fora da escola.

Nesta perspectiva, o presente estudo foi realizado na Escola Municipal Antônio dos Reis Morais – Anexo Diocese. Por meio de visitas, observações e anotações referentes a relação dos alunos no espaço escolar, priorizando a entrada e saída dos mesmos na escola, que por estarem sem a supervisão dos professores, os atos de intolerância e desrespeito se tornam mais frequentes. Aplicou-se um questionário com perguntas elaboradas de acordo com o tema em estudo para 02 professores que ministram aulas na referida escola, por estarem diretamente em contato com os alunos e presenciar situações que envolvem atos de intolerância entre os mesmos. Realizaram-se conversas informais com 06 alunos e 04 funcionários da escola. Sendo a linha de pesquisa Educação, Sociedade e Escola, da qual utilizou-se da pesquisa qualitativa.

“Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo” (Prodanov e Freitas, 2013, p. 70).

Este estudo abordou o tipo de pesquisa exploratória, pois a mesma, desenvolve, esclarece e modifica conceitos.

Pois de acordo com Gil (2008):

Pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito. Pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no

problema pesquisado. Geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso.

Para tal, foram usados métodos de pesquisa, que para, Galliano (1979, p. 6) “o método é um conjunto de etapas, ordenadamente dispostas, a serem vencidas na investigação da verdade, no estudo de uma ciência ou para alcançar determinado fim”.

Sendo nesta pesquisa utilizado o Método dialético, por se tratar diretamente no campo de estudo, podendo ter contato diretamente com o público alvo, indo a fundo ao fenômeno da pesquisa, pois de acordo com Lakatos e Marconi (1992, p. 106): “Método dialético penetra o mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade”.

Para Severino (2007, p. 124) é um método de “coleta de informações [...] diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados, [...], visa aprender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam”.

Com este método, assumiram-se também diferentes rumos diante do estudo como:

A técnica de pesquisa observacional, utilizada dentro do ambiente escolar onde através da observação pode se ter a real situação do problema em estudo, o comportamento dos alunos, conhecer as relações de convivência no espaço escolar, sendo esta, uma etapa imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa. “[...] Nos experimentos, o cientista toma providência para que alguma coisa ocorra, a fim de observar o que se segue, ao passo que no estudo por observação apenas observa algo que aconteceu ou já aconteceu” (Gil, 2008, p. 34).

Através da técnica observacional, se teve acesso aos acontecimentos exatos e claros, ocorridos no ambiente escolar, em que pode se averiguar muito além do que é dito ou observado em sala de aula pelos professores, pois os atos de intolerância não ocorrem somente dentro da sala de aula, mas também no horário de entrada e saída, na qual os alunos se mostram mais agitados e sem a supervisão dos professores.

A observação sistemática que vem ser aquela planejada, que segue de anotações dos fatos em tempo real e também da observação não-participante que segundo Cervo (2002, p. 28) “essa metodologia o observador deliberadamente se mantém na posição de observador e de expectador, evitando se envolver ou deixar-

se envolver com o objeto de observação”. Na tentativa de encontrar possíveis respostas ou situações que o aluno enfrenta e que interfere em sua convivência e relação com os colegas.

Utilizou-se da entrevista não-direta aos alunos, sendo eles o alvo principal do estudo e aos funcionários pelo trabalho que exercem dentro da escola e convivem com os alunos diariamente.

Segundo Severino (2007, p. 125):

O entrevistador mantém em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. [...], deve praticar um diálogo descontraído, deixando o informante à vontade para expressar sem constrangimento suas representações.

Essa técnica buscou extrair do aluno informações sobre algum ato de preconceito, intolerância que sofreu dentro da escola pelos colegas ou presenciou uma situação parecida em sala de aula ou durante a entrada e saída da escola. Com relação aos funcionários, se os mesmos presenciaram atos de má convivência entre alunos.

Para os professores, usou-se a técnica do questionário, sendo que através de perguntas possibilitou-se obter informações detalhadas e autênticas do caso estudado, pelo fato de terem depois da família, maior tempo de convivência com os alunos.

E de acordo com Cervo, (2002, p. 48):

Todo questionário deve ter natureza impessoal para assegurar uniformidade na avaliação de uma situação para outra. Possui a vantagem de os respondentes se sentirem, mas confiantes, dando o anonimato, o que possibilita coletar informações e respostas mais reais (o que não acontecer na entrevista).

Através dos métodos possibilitou-se extrair os resultados necessários para o desenvolvimento do estudo, e com a análise e interpretação dos dados houve uma organização minuciosa que consistiu em seleção, codificação, tabulação, explicação e especificação das respostas obtidas durante a aplicação dos instrumentos de coleta de informações, na qual serão analisados e discutidos no próximo capítulo os dados obtidos na pesquisa.

CAPITULO III

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A diversidade tem sido um dos principais temas pautados pela sociedade atual, sendo indispensável no dia-a-dia escolar, em todos os níveis de ensino, para que nessa perspectiva os educandos saibam respeitar e conviver com as vastas diferenças existentes em seu meio social.

Nesta perspectiva, realizou-se um estudo sobre “a Escola como fator fundante na perspectiva do respeito e valorização das diferenças na tríplice fronteira, na Escola Municipal Antônio dos Reis Moraes – Anexo Diocese, fundada no ano de 2009, criada pelo decreto nº 345 de 20 de março de 2000, situada na Rua T2, S/N, Bairro Comunicações, centro do município de Tabatinga no Estado do Amazonas, a mesma fundada para saciar a demanda crescente educandos oriundos da zona urbana, filhos da tríplice fronteira tais como: brasileiros, peruanos e colombianos.

Quanto ao espaço físico, a Escola Municipal Antônio dos Reis Moraes – Anexo Diocese é compreendida pelas seguintes dependências: oito salas de aulas, climatizadas com ventilador e capacidade para 35 cadeiras; uma diretoria; uma Secretaria contendo um computador; uma biblioteca, com baixo acervo bibliográfico; uma sala dos professores; uma sala de apoio pedagógico; uma sala de arquivo; um auditório; um depósito; uma cozinha; um refeitório; uma dispensa; seis banheiros de uso masculino e femininos (alunos), um banheiro de uso masculino e feminino (professores), um banheiro na sala da pedagoga e um na sala da diretora; quatro corredores e grande área de lazer.

Onde procedeu o estudo com público alvo de 02 professores das séries iniciais, dois funcionários de serviço gerais, dois porteiros da referida escola e 06 alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental. Sendo que através de procedimentos metodológicos adotados para a coleta dos dados do tema proposto em estudo, obteve-se resultados grandiosos sobre a problemática.

A pesquisa se delimitou a um patamar de muitos desafios, pois as diversidades são vastas, e a relação de convivência com a mesma deve ser primeiramente entendida e estudada no seu espaço, no qual se desenvolve perante a sociedade.

Diante disto, foram realizadas observações no ambiente escolar, em se percebeu que na infância, é menos comum a presença de atos de desrespeito e de

intolerância com as diversidades, mas que as exceções existem, e se percebe que estas atitudes são originadas do convívio familiar, trazendo para a escola comportamento egoístas, excludentes e preconceituosos. Assim, acredita-se que desde a Educação Infantil, os programas educacionais devem estar voltados à diversidade, para que a criança aprenda a respeitar, viver e se construir nesse contexto.

Na pré-adolescência, os atos de preconceito e intolerância são mais frequentes, estes por sua vez, de várias maneiras: pela cor, vestimentas, cheiro, cabelo, forma física, nacionalidade, dificuldade de aprendizagem, orientação sexual, entre outros.

Quanto à forma física, foi observada uma pré-adolescente, que teve paralisia infantil, e ficou com sequelas no rosto. A aluna queria participar da quadrilha das festas juninas da escola, mas ninguém se prontificou a ser seu par, devido a sua deficiência no rosto. Riam, zombavam e a deixavam constrangida, chegando ao ponto da aluna desistir de participar da quadrilha e nada se fez para integrá-la novamente.

Os alunos com dificuldade de aprendizagem sofrem, desrespeito, assédio moral, e exclusão dos colegas e até mesmo do professor. Em uma sala de aula, a professora separava os alunos “evoluídos” e os “não evoluídos”, assim diferenciados por ela, no sentido de ensinar aos mais evoluídos e deixar de lado os que não conseguiam acompanhar as atividades propostas, os taxando de desinteressados e preguiçosos, deixando-os constrangidos perante os demais colegas, estes conseqüentemente, se sentiam na liberdade de inferiorizá-los, com frases como: “seus burros”, “vocês nunca vão aprender nada”.

Atentei-me em principal para um aluno e uma aluna, os mesmos repetentes, em que o menino nem a menina se relacionavam com os demais colegas. O menino pelo fato de os demais colegas serem de menos idade que ele, era repetente por não ser bem alfabetizado, e assim acarretar problema de leitura. A menina por sua vez, não se relacionava com os colegas, devido seus dentes estarem estragados, se excluindo dos colegas, por receio de sofrer bullying.

Diante destes fatos, bastava um olhar diferenciado da professora, para verificar o real motivo das dificuldades em geral dos alunos, no qual muitos com estas dificuldades, querem e tem interesse em aprender, mais não lhe dão a devida

atenção e nem buscam uma solução, na intenção de integrar os alunos em sala de aula, e não excluí-los.

Em outra sala foi observado uma criança com Síndrome de Down, em que era excluído, pelo fato de os alunos sentirem medo, receio de o mesmo agredi-los. Fala-se em inclusão, mas isso existe apenas no papel, pois essa criança na verdade era excluída, tanto pelos alunos, quanto pela professora.

Em outros casos foi muito a questão do desrespeito, entre colegas, em que praticavam agressões verbais e físicas, mais comuns no horário de entrada e saída da escola, por ser o momento em os alunos estão sem a supervisão dos professores e dos responsáveis, demonstrando assim atos mais explícitos de preconceito, principalmente com os colegas, mal vestidos, de nacionalidade peruana, obesos e homossexuais.

Uma aluna de nacionalidade peruana, é retraída, tem vergonha de falar, pois sente vergonha de seu sotaque, pelo fato de os colegas ficarem zombando do seu modo de falar.

Outro aluno de nacionalidade peruana e de família Israelita, sofre preconceito, pelo seu sotaque, vestimentas, pelos cabelos longos, no qual os colegas o chamam de “mulherzinha”, deixando-o constrangido.

Algumas crianças não respeitam nem mesmo as pessoas por serem mais velhas, ocorrendo um caso de preconceito, desrespeito e intolerância, envolvendo o porteiro da referida escola, declarado homossexual e três alunos, em que o porteiro pediu educadamente para organizarem a fila para entrada, e três alunos falaram que não recebiam ordens de um “gay”, e as outras crianças ali presentes riram. Levando este caso para a diretoria, o qual tiveram uma conversa com a pedagoga, e apenas um aluno pediu desculpas, e nada mais se fez quanto a esta ocorrência, nem pela escola, nem mesmo pelos professores.

Diante das observações, se formou a ideia de que a escola está mais interessada em formar pessoas que apenas saibam ler, escrever e resolver contas matemáticas, estando assim, aptas ao mercado de trabalho. A formação para a convivência em sociedade, frente as vastas diversidades presentes na escola e fora dela, estão deixadas de lado, e conseqüentemente faz com que as pessoas às vivenciem como um problema.

Que para as crianças segundo Perrenoud (2001, p. 70):

[...]a diversidade dos colegas na sala de aula pode ser ameaçadora ou, no mínimo, problemática, porque algumas delas não possuem esquemas adequados de interpretação e reação. Uma criança pode desconcertar ou provocar medo por ter um sotaque estrangeiro ou dificuldade de expressão, reações violentas, cóleras incompreensíveis, familiaridades, exigências inesperadas, por ter alguma deficiência por não respeitar os costumes.

A escola, por não atender e valorizar as diversidades, conseqüentemente leva os alunos a atos de intolerância, preconceito, desrespeito e até mesmo violência. Na escola se consolidam em salas de aulas superlotadas, levando muitas das vezes o professor a não ter o domínio total dos alunos, estes por sua vez diferentes em todos os aspectos.

De acordo com Perrenoud (2001, p. 69):

[...]diferentes em tamanho, desenvolvimento físico, fisiologia, resistência ao cansaço, capacidades de atenção e de trabalho; em capacidade perceptiva, manual e gestual; em gostos e capacidades criativas; em personalidade, caráter, atitudes, opiniões, interesses, imagens de si, identidade pessoal, confiança em si; em desenvolvimento intelectual; em modos e capacidades de relação e comunicação; em linguagem e cultura; em saberes e experiências aquisições escolares; em hábitos e modo de vida fora da escola; em experiências e aquisições escolares anteriores; em aparência física, postura, higiene corporal, vestimenta, corpulência, forma de se mover; em sexo, origem social, origem religiosa, nacional ou étnica; em sentimentos, projetos, vontades, energias do momento[...]

Segundo o autor, parece que nunca terminaríamos de citar as inúmeras diferenças que permeiam o espaço escolar e a sociedade no geral e, devido a isto, acreditamos que não se deve esquecer a particularidade do sujeito, pois cada vez mais o “diferente” aparece, seja na forma de aprender, de se comunicar, ou na de refletir, entre outros.

Diante destas afirmativas, foi direcionada uma pesquisa na Escola Municipal Antônio dos reis Moraes - Anexo Diocese, em que se aplicou um questionário com 10 perguntas, há 02 professores, referente às diversidades encontradas na escola e a postura dos mesmos quanto a estas diferenças. Onde consegui obter através dos procedimentos metodológicos aplicado, resultados de grande relevância para essa discussão do trabalho, em que através dos dados, obtive as seguintes informações:

A primeira pergunta referia-se ao conceito do professor, quanto ao modelo de escola do passado e da atualidade. O **professor 1** responde que “a escola do passado era um conjunto de regras, que deveriam ser cumpridas sem questionamentos e que atualmente a escola é deliberadamente democrática com

princípios voltados para socialização, interação da pluralidade cultural da sociedade”. O **Professor 2** diz que “as escolas do passado eram mais rigorosas, os professores eram rígidos e severos, os alunos sofriam grandes pressões quando apresentavam dificuldades de aprendizagem, em que os alunos temiam, porém aprendiam mais rápido. Já a escola atual dá muita liberdade para os alunos, novas tecnologias, menos presença dos pais e responsáveis, gerando desinteresse dos alunos.

Nas sociedades contemporâneas, a escola é local de estruturação de concepções de mundo e de consciência social, de circulação e de consolidação de valores, de promoção da diversidade cultural, da formação para a cidadania, de constituição de sujeitos sociais e de desenvolvimento de práticas pedagógicas. O processo formativo pressupõe o reconhecimento da pluralidade e da alteridade, condições básicas da liberdade para o exercício da crítica, da criatividade, do debate de ideias e para o reconhecimento, respeito, promoção e valorização da diversidade. (BRASIL, 2007, p. 31).

Neste sentido é necessário que na educação contemporânea, a escola preocupe-se com o desenvolvimento de um sistema de ensino interconectado com os problemas da sociedade atual, abolindo a velha estruturação um ensino fragmentado e descontextualizado da realidade.

A segunda questão se referia a visão dos professores, com relação as diferenças de culturas dentro da escola. O **professor 1**, responde “que a vê de forma positiva, pois todos somos iguais perante as leis e que a escola poderia dar mais ênfase a esta questão da diversidade de cultura no contexto escolar. O **professor 2**, “a vê como inclusão de todos os estudantes, e para as demais pessoas que trabalham nas instituições, por vivermos em uma sociedade, em que somos diferentes, porém temos direitos e deveres iguais,”.

A escola é sem dúvida uma instituição cultural, neste sentido escola e cultura não podem ser separadas, mas devem ser vistas como universos entrelaçados.

Segundo Moreira e Candau (2007, p. 45):

Em vez de preservar uma tradição monocultural, a escola está sendo chamada a lidar com a pluralidade de culturas, reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrir espaço para a valorização e manifestação das diferenças.

Nesta perspectiva exige que desenvolvamos um novo olhar, uma nova postura, no sentido de sermos capazes de identificar as diferentes culturas que entrelaçam no meio escolar.

Sabendo das vastas diversidades presentes na escola, a terceira questão, aborda se a escola trabalha com a valorização das diferenças. **O Professor 1** reconhece que “poucas escolas trabalham; e que na escola atual só trabalham a questão da interação e socialização de pessoas portadoras de necessidades especiais”. Já o **Professor 2** diz que “a mesma desenvolve trabalhos com as diferenças de classes sociais, idade, gênero, capacidade intelectual, raça, interesse entre alunos, como chave de aprimoramento, do ensino e do sucesso na aprendizagem dentro do ambiente escolar e fora dela. Ela faz com que os alunos sejam respeitados e reconhecido por um ensino de qualidade”.

Porém, a escola se encontra com grandes problemas de preconceito e até mesmo violência, prejudicando a formação das personalidades, para convivência em sociedade. Segundo Carvalho (2002, p. 70): “Pensar em respostas educativas da escola é pensar em sua responsabilidade para garantir o processo de aprendizagem para todos os alunos, respeitando-os em suas múltiplas diferenças.”

Diante dos problemas de preconceito presentes no ambiente escolar, a quarta questão se refere a que tipos de preconceito, os professores percebem no ambiente escolar. **O Professor 1 e 2** dão respostas com o mesmo sentido, em que percebem preconceito “físico, linguístico, raça, religião, costume, classe social, orientação sexual, nacionalidade, preconceito quanto a mulher e o homem, bullying.

Nesse sentido, as instituições escolares, na sua ação educativa, não podem se omitir e nem silenciarem diante de tais ocorrências. Ao contrário, precisam se constituir em espaços democráticos que favoreçam o diálogo e o respeito entre todas as pessoas.

Segundo Gadotti (1992, p. 21):

A escola que se insere nessa perspectiva procura abrir os horizontes de seus alunos para a compreensão de outras culturas, de outras linguagens e modos de pensar, num mundo cada vez mais próximo, procurando construir uma sociedade pluralista.

Sabendo da presença do preconceito na instituição escolar e pelo fato de o professor estar presente diariamente neste ambiente, a quinta pergunta se direciona a que circunstância leva o aluno a atos de preconceito. **Professor 1** relata “que se

dá pela má formação familiar e o grupo que o indivíduo participa na sociedade”. O **Professor 2** diz “que é pela falta de diálogo dos pais, isolamentos, humilhação, problemas na escola, ignorância, dificuldade financeira, exclusão, sofrimento, medo”.

Nesse sentido, a educação precisa prestar um bom serviço à comunidade, buscando atender as especificidades dos alunos que chegam à escola, uma vez que o ensino precisa compreender quais são os conhecimentos necessários para capacitar o aluno e torná-lo agente de transformação social, junto a família e a sociedade.

A sexta questão, discute se esse tipo de atitude interfere na formação do aluno como cidadão, e de que forma. **Professor 1** diz “que sim, pois atualmente não tem espaço para as pessoas preconceituosas e conseqüentemente a sociedade punirá de forma árdua e séria suas atitudes”. O **Professor 2** disse “que sim e acrescenta que este tipo de atitude impõe o fracasso do aluno, repetência e reprovação”.

Deste modo o professor e a escola, possuem um papel fundamental, na prevenção destas atitudes e conseqüências, em que um dos aspectos a ser desenvolvido em nossos alunos é a cidadania, que pressupõe respeito às diferenças, não com a intenção de acentuar as desigualdades, mas de respeitar as diversidades entre os indivíduos. Cada aluno é único, portanto, tem suas características particulares que merecem ser consideradas pelo professor e pela escola.

A sétima pergunta, é relacionada a família, se a condição socioeconômica da mesma influencia o aluno a ter atitudes intolerantes e o porquê. **Professor 1** diz que “Não, pois não é a condição socioeconômica que fará o aluno ser preconceituoso, intolerante, indisciplinado, mal educado, mas sim o tipo de grupo que frequenta”. **Professor 2**, não concorda e diz que “sim, pois a indisciplina e a agressividade constituem um desafio para os docentes, representam um dos principais obstáculos do trabalho pedagógico demonstrando a ausência de regras e limites que não foram impostas pela família, sendo visíveis nas atitudes dos estudantes”.

A presença e participação da família durante todo o processo de aprendizagem é fundamental. Infelizmente é possível perceber que as famílias delegam somente à escola a responsabilidade pela educação de seus filhos,

fazendo com que os professores, muitas vezes, se encontrem sozinhos neste processo, tendo que desenvolver vários papéis dentro da escola.

Na luta por uma educação na diversidade, para que os alunos convivam respeitem, e sabendo que o professor possui um papel insubstituível na formação do aluno, a oitava pergunta, aborda que métodos o professor utilizaria para que essas atitudes de preconceito com o diferente se transformem em atos de solidariedade para uma boa convivência escolar. O **Professor 1**, diz que “utilizaria o Método da socialização de ideias, comportamentos, companheirismo, vivência em grupos e interação com outras pessoas”. O **Professor 2**, “trabalharia a postura compartilhada em relação a disciplina, fazendo com que a escola trabalhe o espaço e o tempo geridos com critérios adequados a participação e ao diálogo entre alunos, professores e pais, analisando as causas e consequência e favorecendo a mobilização de ações e alternativas, como palestras, documentários, entre outros”.

Assim, a educação deve estar voltada para questões que contemplem as diferenças, sendo necessário para isso, incluir questões a serem discutidas e/ou refletidas tais como: etnia, raça, gênero, classe, sexo, entre outras, valorizando todo o conhecimento que os diferentes grupos trazem para a sala de aula, enriquecendo muito mais o ensino e a aprendizagem, onde, infelizmente acabam sendo despercebidos ou ignorados por muitos professores e gerando os preconceitos.

Sendo a escola como um fator fundante para a perspectiva do respeito e valorização das diferenças, a nona pergunta questiona se a escola tem em mente algum projeto pedagógico para trabalhar esse assunto. O **Professor 1 e 2**, diz “que até o momento a escola não oferece nenhum projeto didático pedagógico para trabalhar esse assunto”. Mas o **professor 2**, acrescenta dizendo “que a escola pretende adotar métodos que venha a diminuir ou acabar com os preconceitos”.

Diante disto, a escola necessita ter um projeto pedagógico voltado para a diversidade, pois a escola não se limita em apenas, formar alunos que saibam ler, escrever e contar, a mesma possui um importante papel de transformação da humanidade e precisa desenvolver seu trabalho de forma democrática, comprometendo-se com o ser humano em sua totalidade e respeitando-o em suas diferenças. De acordo com Ribeiro (2005, p. 7) “[...] a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo.”

A décima questão, está propõem que os professores deem sugestões ou recomendações para que a escola venha trabalhar esse projeto como proposta mais viável. **O Professor 1**, “sugere a busca de parcerias entre família, sociedade e instituição, para que todos trabalhem no mesmo objetivo, que é a socialização e interação de culturas na escola”. **O Professor 2**, “sugere a ajuda ao professor a combater qualquer tipo de preconceito entre os estudantes, e assim formar pessoas mais conscientes, tolerantes e abertas ao futuro que vem sendo construído, abordando o assunto por meio de diálogo em sala de aula, ensinado os estudantes a se colocar no lugar do outro e reconhecer que apesar das diferenças somos todos seres humanos e merecemos respeito”.

Na escola que respeita e valoriza as diferenças, todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, linguísticas, religiosas, sexuais ou outras, têm direito de acesso, de permanência e de sucesso. De acordo com Carvalho (2000, p. 120), uma escola inclusiva é aquela escola que “inclui a todos, que reconhece a diversidade e não tem preconceito contra as diferenças, que atende às necessidades de cada um e que promove a aprendizagem.”

A escola precisa promover um resgate da sua função de promotora de novos conhecimentos, buscando refletir criticamente sobre as ações e condutas cotidianas, tendo em vista desenvolver novas formas de atuar na educação que promova o sucesso do aluno.

Realizou-se entrevistas não diretas com 05 funcionários, sendo 02 porteiros e 03 auxiliares de serviços gerais referente ao tema em estudo. Quanto a relação das crianças umas com as outras e seus comportamentos frente as diversidades. **O porteiro A**, relata que “as crianças estão despreparadas à conviver com as diferenças”, mesmo as que não praticam diretamente, mais apenas pelo fato de rir de atos de preconceito, compactuam com atos de desrespeito. Presenciou muitos alunos praticando bullying com os colegas, por serem peruanos, obesos, magros. Segundo ele, “tudo é motivo para os atos de intolerância”.

Vivemos em uma sociedade pluralista, onde o respeito à individualidade e o direito de expressão devem ser considerados. A escola pública deve ser o espaço das liberdades democráticas. Segundo Gomes (1998, p. 116), “Entre preconceitos e discriminações, cabe à escola pública o importante papel de proporcionar a seus alunos um modelo de tolerância a ser aplicado na sociedade”.

O **porteiro B**, relata que sofreu preconceito a respeito de sua opção sexual, em que os alunos praticam atos de intolerância, desrespeito para com ele, sendo geralmente mais agressivos os meninos, falando palavras grosseiras como: “bichinha e veadinho”. Que segundo ele “os meninos recebem da sociedade e da família uma educação muito machista, que para se firmarem como homens, humilham e agredem verbalmente e fisicamente seu próximo”. O mesmo relata que fala aos professores, a direção e a pedagoga o que ocorre, e os mesmos não tomam nenhuma providência significativa, “falam apenas umas coisinha e fica por isso mesmo”.

A escola precisa levar a reflexão sobre as diferenças e preconceitos de gênero, buscando sensibilizar a todos os envolvidos na educação para as situações que produzem preconceitos e resultam em desigualdades, muito presentes no cotidiano escolar.

A funcionária de **serviços gerais A**, relata que já presenciou alunos se agredindo fisicamente, pelo fato de o outro colega revidar com socos aos apelidos que recebia, pelo fato de estar acima do peso. Segundo ela “não adianta eles serem repreendidos com castigos, pois no dia seguinte estão fazendo a mesma coisa novamente”.

A funcionária de **serviços gerais B**, acredita que “o que falta nestas crianças é base familiar, pois são geralmente de família desestruturada”. A funcionária de **serviços gerais C**, conclui que, “a palavra-chave é limite, os pais já não impõem limites as crianças, elas estão crescendo à mercê do mundo, e o mundo lá fora é violento, é preconceituoso, é intolerante, e elas acabam sendo o reflexo disso”.

Estes alunos, de acordo com as conversas, geralmente escolhem como vítimas crianças mais retraídas, tímidas, de cultura diferente, que estão fora dos “padrões” estabelecido pela sociedade, que tenta unificar as pessoas, e por questão destas diferenças, agredem de todas as maneiras as pessoas que não se encaixam nestes “padrões”.

Onde vai parar esse desrespeito, será que a política educacional está atendendo a necessidade daquela escola, o que fazer para amenizar isso? São questões a serem pensadas, analisadas para buscar uma solução à essa problemática.

Da entrevista aos alunos que usavam de atos de intolerância, preconceito e até mesmo da violência para atingir seu colega ou pessoas diferentes de seu conceito, estavam sempre inquietos e os que sofriam com estes atos, eram mais dispersos, então busquei averiguar e selecionar 03 alunos que aparentavam sofrer atos de discriminação apresentados como A, B e C; e 03 alunos, apresentados como mais agitados D, E e F. Feito isso iniciei a entrevista com os alunos na qual conseguir os seguintes resultados:

Ao perguntar se os mesmos gostavam de ir à escola e o porquê do sim ou do não, o **aluno A**, respondeu que “sim, mas quando tem merenda escolar”. O **aluno B**, disse que “um pouco, que vem para escola, por que não gosta de ficar em casa”. O **aluno C**, respondeu que “sim, mais a sala de aula é muito quente”.

Os alunos que por serem de baixa renda veem a escola como um refúgio, são alunos que estão à margem da sociedade, e que muitas vezes passam por diversas circunstâncias perversas, como a fome, situações de violência, problemas com alcoolismo e drogas, situações de abandono, entre outros. Esses são os verdadeiros excluídos da sociedade que estão na escola clamando por ajuda.

Os **alunos A, B e C** disseram “que já tinham sofrido atos de preconceito, de seus colegas de classe”, sendo que o aluno A e B relataram que “isso ocorria com frequência durante as aulas e principalmente durante a entrada e saída da escola”. O **aluno C** foi mais esclarecedor, dizendo que “houve caso que seu colega havia o agredido verbalmente e fisicamente, no qual ficou sem ir à escola por três dias, pois ficou com medo de sofrer outro ato violento, fingindo estar doente para os seus pais, para assim não ir à escola, com receio de sofrer algum ato novamente”.

Isso fica a ideia de até que ponto o despreparo em conviver com o diferente chegou dentro do ambiente escolar, onde deveria haver a socialização entre os alunos, professores, gestor e funcionários, está esquecido, o respeito pela opinião e o espaço de cada pessoa perante a sociedade. A escola sem estrutura para lidar com esse problema não será capaz de desenvolver um trabalho de cidadania com seus alunos, como diz Benevides, onde “a escola deve preparar o discente a participação da vida pública, reivindicando seus direitos e exercendo seu dever como cidadão”. (1994, p. 15)

Também me direcionei aos alunos inquietos, identificados como D, E e F. Ao perguntar aos alunos se eles comportavam-se em casa dos mesmos modos que na escola, quanto aos atos de preconceito e até mesmo de violência, foram bem

esclarecedores, dizendo “que agiam da mesma forma em casa, e que seus pais não os chamavam a atenção”. Esse preconceito que o aluno traz de casa para o ambiente escolar pode muitas vezes atingir uma proporção de riscos para todos que integram a instituição.

Perguntei se eles já haviam sido chamados na direção da escola, e qual o motivo tinha levado aquela situação. E com muita clareza o **aluno D** “disse que sim, pois tinha agredido um colega em sala de aula, na ausência do professor, pelo fato de ter zombado do colega por ele estar acima do peso e o mesmo revidou”. O **aluno E** que “nunca foi chamado à diretoria” e o **aluno F**, sendo o que revidou aos apelidos, disse que “sim, porque agrediu fisicamente o colega, pois seu pai diz que não é para ele deixa lhe bater e quando fizerem é para responder da mesma forma”.

A família sendo ela a estrutura de conforto, segurança, aprendizado, uma fortaleza de saberes necessários para um exemplo perante seus filhos, deixa muito a desejar, não se importando com que os filhos fazem ou deixam de fazer, podendo contribuir com a escola para um bom andamento escolar de seus filhos.

Quando perguntei por que agiam desta maneira com os colegas, o **aluno A** disse que “tinha coisas que o irritava”, o **aluno B** “que era engraçado zombar dos colegas” e o **aluno C**, disse que “só fazia o que faziam com ele”.

Realizei uma pergunta direcionada a todos os alunos, quanto a participação dos mesmos, em atividades realizadas pela escola. O **aluno A, B e C**, responderam que “nunca foram chamados para participar de nada”, o **aluno D** respondeu “que os professores só chamam os melhores” os **alunos E e F** disseram “que se sentiam excluídos”.

Fiz esta pergunta pois notei que nos ensaios para a festa em homenagem ao dia das mães, estes alunos, sentiam vontade de participar, mais não foram selecionados, a escola acaba que por excluir ainda mais estas crianças. A escola é o espaço primordial para se oportunizar a integração e melhor convivência entre os alunos, os professores e possibilita o acesso aos bens culturais.

A escola é responsável por trabalhar no sentido de promover a inclusão e cidadania de todos os alunos, visando a eliminar todo tipo de injustiça e discriminação, enxergando os seres humanos dotados de capacidades e valorizando-os como pessoas.

Diante os dados analisados e discutidos fica claro o problema gerado pelo preconceito e que a escola enfrenta um desafio em que a escola e a comunidade

devem se unir para solucionar, sendo possível na medida em que a escola promova mudanças no seu processo de ensinar e aprender, reconhecendo o valor de cada criança e o seu estilo de aprendizagem, reconhecendo que todos possuem potencialidades e que estas potencialidades devem ser desenvolvidas.

Portanto é preciso que a escola busque trabalhar de forma democrática, oferecendo oportunidades de uma vida melhor para todos independente de condição social, econômica, raça, religião, sexo, etc. Todos os alunos têm direito de estarem na escola, aprendendo e participando, sem ser discriminado ou ter que enfrentar algum tipo de preconceito por motivo algum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos atos de preconceito na Escola Municipal Antônio dos Reis Moraes – Anexo Diocese, fez-se um projeto de pesquisa, onde surgiram hipóteses relevantes para qual seriam os fatos que levavam os alunos a serem preconceituosos, capazes de ferir e discriminar o outro pelo fato de não serem iguais. Dentre elas as hipóteses de que: o preconceito está ligada a não preocupação das escolas, quanto a sensibilização dos alunos para o respeito as diferenças; a não valorização das diversidades; falta de matérias didáticos; a condição econômica dos pais; o social de não ser aceito pela sociedade; o cultural por ser de outra etnia. Foram muitas sugestões importantes levantada para se averiguar durante a coleta de dados na escola.

A escola como um lugar designado a educação, a socialização de crianças e adolescentes, atualmente se torna em um ambiente de desrespeito ao seu próximo. Assim se aplicou metodologias de pesquisa na escola para a aquisição de conhecimento e obtenção de dados referente ao tema proposto pela pesquisa “a escola como um fator fundante na perspectiva do respeito e valorização das diferenças na tríplice fronteira, município de Tabatinga – AM”, da turma do 4º e 5º ano da Escola Municipal Antônio dos Reis Moraes – Anexo Diocese.

Surgiram dificuldades que impossibilitaram a coleta de dados sobre a problemática em estudo, como a timidez dos alunos em falar sobre o assunto, tanto os que realizavam o preconceito, quanto os que sofriam; na aplicação dos questionários, em que os professores no início aceitaram o questionário, mas dificultaram a devolução com as respostas. Mas que tais dificuldades, não impediram de continuar com o objetivo proposto pela pesquisa, na qual após fazer todas as observações, os questionários serem aplicados e as entrevistas feitas, e os dados analisados e discutidos, obteve em mãos dados relevantes alcançados, que confirmaram que os atos de preconceito é devido o despreparo do ser humano para lidar com as grandes diversidades existentes, sendo assim, a escola um fator fundante na perspectiva do respeito e valorização destas diferenças.

Neste sentido, o trabalho desenvolvido nas escolas deve estar voltado para atender todo tipo de diferença, tendo em vista o processo de mudança que vem ocorrendo na sociedade. O “diferente” torna-se muito mais presente no nosso dia a dia, visto que a cada lugar que frequentamos encontramos alguém diferente, seja

com um visual, aparência, sexo, deficiência, cultura, etnia entre outros. Ficando a certeza de que a escola educando na diversidade prepara o aluno a se tornar um cidadão crítico, sabedor de seus direitos e deveres, mas principalmente para a vida em sociedade, extinguindo assim, homens preconceituosos.

A importância da valorização da particularidade de cada aluno em sua formação como cidadão está evidente. Sendo que na realidade as crianças ensinam muito mais aos adultos, basta observarmos e amá-los, dando afeto, respeito e um espaço para que as diversidades sejam vividas positivamente. Para tanto, é importante, valorizar o espaço social, ampliar ações e principalmente, reconhecer que as crianças e adolescentes precisam sonhar, ter oportunidades, não importando qual a sua diferença.

Existem caminhos para que mudanças ocorram, para a perspectiva do respeito e valorização das diferenças, onde a escola deve promover debates, discussões, palestras relativas as pluralidades, sendo preciso que essa escola desenvolva trabalhos de incentivo ao professor no sentido de se dedicar a um planejamento mais reflexivo sobre a realidade de cada aluno, pois cada aluno traz uma realidade diferente seja ele, rico ou pobre, negro, branco ou indígena, mas que englobe e atenda a necessidade de cada um, respeitando sua particularidade. Além de envolver todos que compõem o núcleo escolar.

Neste sentido, confia-se em um trabalho de união entre escola e toda comunidade, pois a soma de todos, contribui para a formação de alunos críticos e consciente de seus atos, como apto para o exercício de sua cidadania e como ao convívio social, mas humano e harmônico perante seus semelhantes.

Por isso, rejeito a ideia de que a barbárie se instalou na escola em definitivo e que enfrentá-la estaria fora de nosso alcance. Também não concordo com quem imagina que lidar com essas questões é perda de tempo pois, quando se enfrenta a discriminação ou se dá o tratamento adequado aos alunos, valorizando as diferenças, o desempenho de todos melhora, sem contar o ganho maior que é o de conviverem solidariamente e em paz.

Contudo, mudar não é tarefa fácil e todos sabem disso, mas o prazer da mudança surge quando a própria escola se torna espaço o espaço de (trans.) formação. E somente através desta prática (trans.) formadora é que poderemos construir uma sociedade mais justa, que inclui e não exclui, e que perceba a escola como espaço de construção, através da valorização das individualidades, do

respeito para com as diferenças, com a cultura de cada um, onde a educação é o elemento essencial para um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. **Formação de professores: pensar e fazer**. São Paulo: Cortez, 2001.

ANTUNES, Celso. **Educação Infantil: Prioridade Imprescindível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1996.

BENEVIDES, Maria Victória. **Cidadania e justiça**. In: GROSBAUM, Elena et al. (Orgs.). **Violência, um retrato em branco e preto**. São Paulo: FDE, 1994. p. 7. (Série Idéias, 21). **A violência é coisa nossa**. In: SÃO PAULO (Estado). **A violência no esporte**. São Paulo: Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, 1996.

BIANCHETTI, Lucídio; FREIRE, Ida Mara. **Um olhar sobre a diferença: Interação, trabalho e cidadania**. 12. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

BRASIL, Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos: 2007**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003 e 2007. Acesso em: 18 janeiro. 2017

CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo Barreiras para a aprendizagem**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

CERVO, Amado Luiz. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua pratica**. 24. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico)

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Diversidade Cultural e Educação para Todos**. Juiz de Fora: Graal, 1992.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. -4. Ed. – 11. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Luis Antonio. **Divisões da Fé: as diferenças religiosas na escola**. In: AQUINO, Julio Groppa (org.): **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1998. p. 116

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicação e trabalhos científicos**. 4 ed. São Paulo: ATLAS, 1992.

LIBÂNEO, J. C.. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2001.

MOURA, M. **A atividade de ensino como ação formadora**. In: CASTRO, A. & CARVALHO, A (orgs). **Ensinar a ensinar: didática para a escola**. São Paulo: Editora Pioneira, 2001.

MORAN, José Manuel. **Como utilizar as tecnologias na escola**. <http://www.eca.usp.br/prof/moran/utilizar.htm>. Acesso em 27/03/2017.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa Moreira; CANDAU, Vera Maria. **Educação Escolar e cultura(s): construindo caminhos**. Mec, Amped, Brasília, 2007.

PERRENOUD, Philippe. **A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, Matilde. **Apresentação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. MEC/SEPP/IR. Brasília. 2005.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. 27.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

WEBERE, Maria Jose Garcia. **Grandezas e mistérios do ensino no Brasil**. São Paulo: Ática, 1994.

APÊNDICE

TEMA: A ESCOLA COMO FATOR FUNDANTE NA PERSPECTIVA DO RESPEITO E VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS NA TRIPLICE FRONTEIRA MUNICIPIO DE TABATINGA - AM

1. Qual o seu conceito sobre escola do passado e atual?
2. Como você vê as diferenças de cultura dentro da escola?
3. A escola trabalha com a valorização das diferenças?
4. Que tipos de preconceito você vê no ambiente escolar?
5. De acordo com a sua vivência na escola o que leva o aluno a atos de preconceito?
6. Esse tipo de atitude interfere na formação do aluno como cidadão? De que forma?
7. A condição socioeconômica da família influencia o aluno a ter atitudes intolerantes? Porquê?
8. Você como professor (a), que métodos utilizariam para que essas atitudes de preconceito com o diferente se transformem em atos de solidariedade para uma boa convivência escolar?
9. A escola tem em mente algum projeto pedagógico para trabalhar esse assunto?
10. Que sugestões ou recomendações sugere para que a escola venha trabalhar esse projeto como proposta mais viável?